

**Rubem Braga**

Radio 19.5.62

DN 11.3.67

M 522, 521

FLU, 23 77

RN 29, 31, 32

## E O REI MORREU NA BATALHA

MAS, como eu ia dizendo na semana passada, o Rei D. Sebastião morreu na batalha de Alcácer-Quibir. Por sinal que Alcácer (os espanhóis escrevem Alcazar) quer dizer castelo, fortaleza, recinto murado; e Quibir ou Kebir, quer dizer grande; é o mesmo adjetivo que aparece em Guadalquivir, rio grande, pois *guada* vem de *uéd*; aliás outro rio de Espanha que tem nome árabe é o Guadalajara, mas êste eu não posso traduzir porque a segunda palavra é suja, não entra em revista de família — em suma, senhorita, Guadalajara quer dizer esgôto.

Bem, mas a batalha não aconteceu na cidade de Alcácer-Quibir, que naquele tempo já era bastante grande e hoje tem seus 35 mil habitantes; foi um pouco ao Norte, entre os rios Mocazim e Rur (nos mapas da terra lê-se Mekhasene e Ouarour) sendo que o último é afluente do primeiro, que, por sua vez, é afluente do Lucos, o rio em cujo estuário está, e já estava naquele tempo, a cidade de Larache. Foi numa verde planície limitada ao Norte e a Oeste por êsses dois rios e a Leste por uns morros de 30, 40, até 100 metros de altura, que os dois Exércitos se encontraram; verde planície ideal para carga de cavalaria. Ora, os mouros tinham mais de 40 mil homens a cavalo, e o Exército de D. Sebastião não chegava a ter nem 2 mil...

O pior é que D. Sebastião não tinha nada a fazer ali; êle saiu de Portugal dizendo que ia tomar Larache. Aportou a Arzila, que fica umas léguas ao Norte; todo mundo lhe dizia, e êle estava cansado de saber, que Larache, mal defendida, era fácil de tomar se fôsse atacada por mar. Pois foi por terra; êle não queria tomar coisa alguma, o que êle queria era brigar, brigar pessoalmente com o xerife Mulai Abd El Malek, a quem êle chamava "O Maluco" — e o maluco era êle mesmo.

Maluco e — com que mágoa eu o digo, eu que simpatizava tanto com o Rei D. Sebastião! — maluco do gênero antipático: ególatra, fanfarrão, atrabiliário. Quem diz isso não sou eu, é o professor português Queiroz Velloso, êsse erudito horrível que seguiu a lição de Alexandre Herculano e mergulhou na história portuguesa à procura da verdade crua, sem ligar para as lendas bonitas. Lenda bonita, legenda bonita era a de D. Sebastião, que ia voltar para salvar Portugal, e ano atrás ano isto foi a esperança do povo, o sonho do povo, o alimento do povo, a certeza do povo. Não voltou. Morreu mesmo aqui no Marrocos, estêve sepultado em Alcácer-Quibir, depois em Ceuta, depois foi para os Jerônimos — e tudo isso com atas lavradas e assinadas, tudo provado, certo, sem mistério e sem esperança. E era um rapaz esquisito, que tinha horror a mulher, saía para o mar em dia de tempestade para mostrar que era machão, mandava desenterrar os reis seus avôs para lhes dizer frases históricas a favor ou contra, sofria de doença feia — maluco de verdade, do tipo cabotino, místico e violento, detestado pelo povo de seu tempo, êle que tinha sido o Desejado antes de nascer e foi o Esperado depois de morto, êle que arruinou seu povo e seu Reino com maluqueira — incompetente como chefe na paz e na guerra, mesquinho na sua mania de grandeza, invejoso e mau...

Mas vamos parar; também não vale a pena falar tão mal de um Príncipe, coitado, que morreu tão môço, e morreu lutando. Foi encontrado nu, pois de sua linda armadura azul e ouro fôra despojado. E cedo começou a cheirar mal, pois, como eu disse, era agôsto, era verão, e, como diria Manuel Bandeira, fazia um calor danado!

522-21-4-62